

ALGUNS SIGNOS IDEOLÓGICOS DAS IRMANDADES DE PRETOS DO “ARRAÍAL DO BOMFIM DE GOÝAZ” E “SÃO JOAQUIM DO COCAL”

Luana Duarte Silva¹

RESUMO: Este texto intenta apresentar alguns signos ideológicos presentes nos livros de Compromisso das Irmandades de Pretos do “Arraial do Bomfim de Goýaz” e “São Joaquim do Cocal”, datados do século XVIII, a partir da edição semidiplomática de tais documentos manuscritos e da compreensão de signo ideológico para o Círculo de Bakhtin.

Palavras-chave: Irmandades de Pretos; Edição Semidiplomática; Signos Ideológicos.

ABSTRACT: This paper intends to present some ideological signs present in the books of Commitment brotherhoods of Black "Arraial do Bomfim de Goýaz" and "São Joaquim de Cocal", dating from the eighteenth century, from the semidiplomatic editing such documents and manuscripts understanding of the ideological sign for the Bakhtin Circle.

Keywords: Black brotherhoods; Semidiplomatic edition; Ideological Signs.

Considerações iniciais

Este artigo tem a proposta de apresentar alguns signos ideológicos das Irmandades de pretos “Arraial do Bomfim de Goýaz” e “São Joaquim do Cocal”, a partir da leitura da edição semidiplomática² de seus livros de Compromisso, no intento de demonstrar a importância de se conhecer o contexto de criação desses documentos, para apreender os mais variados signos ideológicos que podem ser encontrados.

Para tanto, é relevante realizar algumas discussões sobre a perspectiva de signos ideológicos para o Círculo de Bakhtin e sobre o contexto histórico de Irmandades de Pretos, para depois compreendermos os signos ideológicos das Irmandades de Pretos supracitadas. Priorizamos apenas alguns signos ideológicos, a fim de possibilitar uma compreensão maior do que identificamos.

Assim, em um primeiro momento, realizamos uma breve discussão sobre a perspectiva de signo ideológico para o Círculo Bakhtiniano, mediante à obra de Bakhtin e seu Círculo, *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN; VOLOSHÍNOV,

¹ Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFG/Regional Catalão.

² Esta edição é realizada tomando por base as normas sugeridas em Megale e Toledo Neto (2005).

1995), que tão bem pontua sobre o assunto pretendido, e de outros autores, para nos ajudar na sua melhor compreensão, como Ponzio (2009), Castro (2010), Faraco (2003) e Miotello (2010).

Em seguida, apresentamos um pouco sobre o perfil histórico das Irmandades de Pretos, especialmente as do século XVIII, haja vista que os signos ideológicos dizem do contexto sócio histórico e ideológico dos enunciados proferidos nos livros de Compromisso. Por isso, é essencial a realização dessa etapa, que será embasada por Borges (2005), Mattos (2008), Brandão (2004), entre outros.

E por fim analisamos alguns signos ideológicos identificados a partir da edição semidiplomática dos livros de Compromisso das comunidades linguísticas supracitadas, a partir da compreensão teórica de signo ideológico para Bakhtin e seu Círculo, bem como depois do entendimento acerca das Irmandades de pretos, em especial, as que propomos conhecer mais.

Breves apontamentos sobre a perspectiva de signo ideológico

Bakhtin e seu Círculo, no texto *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (BAKHTIN; VOLOSHÍNOV, 1995), ressaltam que qualquer objeto pode ser um signo ideológico, logo, passa a possuir um significado ideológico, já que reflete e refrata a realidade na concretude, na materialização do signo.

Nesse sentido, vale dizer que, para falar de signo ideológico, importa discorrer da influência que Bakhtin e seus companheiros do Círculo tiveram do marxismo para elaborar o conceito de signo ideológico, uma vez que estes autores partem da perspectiva marxista acerca do conceito de ideologia para construírem o de signo ideológico.

Inicialmente, cumpre esclarecer que o conceito de ideologia está diretamente ligado ao pensamento marxista, que considera a ideia de ideologia como “falsa consciência”, uma vez que coloca a ideologia ora na consciência ora como algo pronto. O que para o Círculo é um erro, já que este “não é só responsável por uma confusão metodológica acerca da inter-relação entre domínios diferentes do conhecimento, como também por uma distorção radical da realidade estudada” (BAKHTIN; VOLOSHÍNOV, 1995, p. 34).

É nessa direção que o Círculo esclarece que a consciência de um indivíduo é ideológica e também social, na medida em que este sujeito é influenciado pelo contexto em que está inserido, portanto tem que se considerar o momento histórico, o contexto social, de enunciação, entre outros aspectos, para se observar a ideologia que este indivíduo está assimilando e que proferirá num momento posterior.

É desse modo que o Círculo de Bakhtin ressalta que “*A consciência individual é um fato sócio-ideológico*. Enquanto esse fato e todas as suas conseqüências não forem devidamente reconhecidas, não será possível construir nem uma psicologia objetiva nem um estudo objetivo das ideologias” (BAKHTIN; VOLOSHÍNOV, 1995, p. 35, grifo no original).

Dessa forma, para Castro (2010, p. 187), Bakhtin e seu Círculo extraíram

[...] do pensamento marxista aquilo que ele teria de melhor para fornecer, isto é, a sua perspectiva sócio-histórica de sujeito e da cultura. Nesse sentido, apesar do peso da mediocridade marxista que os rodeava enquanto escreviam suas idéias, Voloshinov e Medvedev conseguiram não só realizar uma leitura particular e sofisticada do Marxismo como também agregaram elementos novos aos seus pressupostos gerais, destacando o papel central que deveria ter a linguagem na percepção das tramas criadas pelas relações sociais mediadas simbolicamente, desde as mais altas às mais baixas esferas da ação humana.

Notamos que, para o Círculo de Bakhtin, o signo é neutro e só passa a carregar ideologias no momento de sua concretude, na comunicação social, por isso dizer que as palavras expressam ideologias e que “[...] a realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social” (BAKHTIN; VOLOSHÍNOV, 1995, p. 36).

Dessarte, as palavras podem dizer e evidenciar o contexto em que o indivíduo está inserido, suas crenças, sua situação social, cultural e histórica, por isso que, quando estivermos observando alguns signos ideológicos expressos pelas Irmandades de Pretos, poderemos compreender o contexto social e histórico em que os seus associados estavam vivenciando, de modo a apreender e entender suas lutas por sobrevivência, não só pela liberdade de ir e vir, mas também por ter garantidos direitos que melhorassem, mesmo que minimamente, sua condição de vida precária, frente ao período escravocrata pelo qual sofriam.

Miotello (2010) realiza uma distinção da ideologia para o marxismo e para os filósofos russos, no intento de esclarecer suas diferenças e demonstrar até que ponto Bakhtin e seu Círculo consideram a teoria marxista, e, a partir dessa compreensão, o que entendem por ideologia. Esse autor chama de ideologia oficial, a que é defendida pelo marxismo, e de ideologia do cotidiano, a que é considerada pelo Círculo. Logo,

[...] Bakhtin e seu círculo puderam estabelecer, bem a seu gosto, uma relação dialética se dando entre ambos, na concretude. De um lado, a ideologia oficial, como estrutura ou conteúdo, relativamente estável; de outro, a ideologia do cotidiano, como acontecimento, relativamente instável; e ambas formando o contexto ideológico completo e único, em relação recíproca, sem perder de vista o processo global de produção e reprodução social [...] (MIOTELLO, 2010, p. 169).

Dessa maneira, no que diz respeito aos signos ideológicos, cumpre destacar que tais signos compreendem as palavras sendo utilizadas na concretude, ou seja, o indivíduo parte de um signo neutro e, ao enunciar, no momento de sua materialização, esse signo é carregado de ideologias, pois considera o contexto de enunciação. Assim é que existem, por exemplo, as metáforas, de modo que uma mesma palavra que, comumente é utilizada com um determinado significado, pode adquirir outro novo significado, bem diferente, dependendo do contexto de enunciação.

Aqui, cumpre esclarecer, que, conforme a perspectiva do Círculo de Bakhtin (BAKHTIN; VOLOSHÍNOV, 1995, p. 77), os enunciados não se repetem, por isso, toda vez que um indivíduo recorre a uma determinada palavra, essa, geralmente, é carregada de ideologias diferentes, pois ao enunciar é preciso considerar o contexto de enunciação, ou seja, o lugar, o momento histórico, para quem se enuncia, entre outros fatores que podem corroborar a construção das ideologias.

É por isso que Bakhtin e seu Círculo (BAKHTIN; VOLOSHÍNOV, 1995, p. 41) destacam que

[...] as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados.

No cerne dessa questão, ressaltamos que os signos ideológicos das Irmandades de Pretos do “Arraial do Bomfim de Goýaz”, atual cidade de Silvânia, e “São Joaquim do Cocal”, que foi capitania de Goiás, dizem do momento histórico, social e cultural pelo qual passaram os associados dessas irmandades, evidenciando suas lutas por sobrevivência, bem como suas práticas religiosas e até políticas.

Os signos ideológicos, portanto, resgatam a memória de uma comunidade de falantes que, em busca de melhores condições de vida, criaram estratégias de sobrevivência, como as irmandades e as diversas manifestações culturais e religiosas que ainda podemos observar nos dias atuais, como as Congadas de Catalão-GO, que existem há mais de um século na cidade, como forma de manter, preservar e reinventar suas crenças, que outrora, no período da escravidão, lhe foram tiradas pelos senhores, donos de escravos.

É desse mirante que ressaltamos que “[...] um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra [...]” (BAKHTIN; VOLOSHÍNOV, 1995, p. 32). Os signos ideológicos refletem e refratam a realidade, ou seja, refletem a realidade e a interpreta, fazendo, assim, refrações da realidade, ao passo que esses signos são carregados de ideologias que são criadas nessa realidade.

Sob essa perspectiva, Faraco (2003, p. 50) pontua que

a refração é, desse modo, uma condição necessária do signo na concepção do Círculo de Bakhtin. Em outros termos, para o Círculo, *não é possível significar sem refratar*. Isso porque as significações não estão dadas no signo em si, nem estão garantidas por um sistema semântico abstrato, único e atemporal, nem pela referência a um mundo dado uniforme e transparentemente, mas são construídas na dinâmica da história e estão marcadas pela diversidade de experiências dos grupos humanos, com suas inúmeras contradições e confrontos de valorações e interesses sociais (grifo no original).

Desta feita, observamos que o indivíduo, no momento de sua enunciação, reflete sobre a realidade a que está inserido de forma a interpretá-la, ou seja, enuncia suas ideologias frente à determinada situação ou contexto que o insere. Os signos, portanto, são sociais e ideológicos, emergem e significam no interior das relações sociais, haja vista que são utilizados por pessoas socialmente organizadas, capazes de refletir e refratar a realidade.

Irmandades de pretos em seu contexto histórico, social e ideológico

No período colonial, o Brasil começou a receber muitos africanos para se tornarem escravos na lida com a cana-de-açúcar, inicialmente, e depois com a mineração. Os africanos, ao chegarem ao país, foram privados, além da liberdade de ir e vir, de manifestar suas crenças, passando a viver em condições sociais precárias, tanto que, por exemplo, não tinham um enterro digno em terreno sagrado, nem podiam realizar diversas celebrações praticadas em sua terra de origem, como os rituais de morte, nascimento.

Importa pontuar que alguns negros já vinham da África com a experiência de serem escravizados, pois essa prática já era realizada em suas terras, mesmo que a forma de escravidão fosse diferente da que viria ser praticada no Brasil, já que aqui a escravidão era bem mais severa que em outras localidades. Russell-Wood (2005, p. 19) diz que “os europeus não eram estranhos à instituição da escravatura mas, pelo simples peso de seu número e das aterradoras condições físicas, os escravos negros causavam perplexidade, nojo e compaixão nos europeus que visitavam a América portuguesa”.

Frente a essa situação, os negros começaram a criar distintas estratégias de sobrevivência, e uma delas foi praticar suas crenças e sua cultura, sob a roupagem da cultura de seus senhores, ou seja, a crença no catolicismo, com a devoção de santos católicos, como Santa Efigênia, Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, entre outros.

Na perspectiva de Brandão (2004), os escravos, de certo modo, aceitaram os santos católicos para reviverem suas crenças, seus rituais, de modo a afirmar sua identidade religiosa e cultural. Para esse autor, “as cerimônias religiosas de louvor aos santos padroeiros eram complementares ou eram, possivelmente, um disfarce piedoso de um ritual de afirmação de identidade” (p. 332).

Com isso, uma das conquistas desse povo foi a criação das Irmandades de pretos em parceria com a Igreja Católica, já que só assim os negros podiam conseguir (re) viver suas crenças, ou pelo menos resgatar, ainda que minimamente, sua cultura e sua religiosidade. E, principalmente, foi uma forma singular de luta pela sobrevivência, pois nos livros de Compromissos criados por tais Irmandades tanto a Coroa, a Igreja como os escravos, forros ou livres, tinham direitos e deveres garantidos.

Conforme Loiola (2009, p. 15), essas associações “eram designadas com base na cor de seus devotos: Irmandades de Pretos, Irmandades de Pardos”. A cor marca o lugar dos negros na sociedade, por isso a associação de negros escravos é designada de Irmandade de Pretos, ao passo que correspondia à comunidade de negros escravos ou libertos.

Borges (2005) esclarece que as Irmandades de Pretos começaram a ser instituídas como estratégias de sobrevivência, seguindo os modelos europeus das associações estabelecidas no país. Os escravos principiaram com a criação de algumas associações, para garantir melhorias de vida e resgate de suas crenças.

Essas associações, seguindo os moldes europeus, tinham por base a promoção do culto a um santo devoto, na medida em que só era possível a luta social e cultural sob esses moldes, que foram “permitindo” a busca pela sobrevivência social e cultural, em meio à escravidão.

Assim, as Irmandades de Pretos foram criadas pela luta silenciada dos negros. E um dos interesses mais significantes dessa associação e que deu origem à sua criação foi a encomendação dos mortos, que consistia em garantir um enterro digno a seus partícipes. Segundo Loiola (2009), as Irmandades dos Pretos em Goiás, semelhantemente às de outras capitanias, prestavam-se a dar aos escravos o mínimo de dignidade religiosa na hora da morte; para isso representavam uma “aceitação” da bênção dos santos católicos na encomendação das almas.

Vale ressaltar que havia um interesse de mão dupla, uma vez que tanto a Igreja quanto os africanos apresentavam interesses distintos, o que permitiu a criação de vários vínculos, inclusive o da formação das Irmandades de Pretos. Dessa maneira, de um lado, se podia observar a Igreja tentando realizar seus interesses, como aumentar o número de fiéis e, conseqüentemente, a arrecadação de ornamentos; e, de outro, os africanos querendo resgatar sua cultura e suas crenças e, principalmente, melhorar suas condições de vida.

A criação dessas associações se realizava na medida em que, conforme o estatuto, chamado por eles “Compromisso”, o preto deveria dar uma determinada contribuição em dinheiro para participar da Irmandade e receber as celebrações de morte, por exemplo.

Na perspectiva de Loiola (2008, p. 69),

os significados da liberdade iam além da liberdade da escravidão. A *condição social* que fala do lugar social de cada um, expressada nos modos de nascer, de morrer, ser enterrado, igualmente evidenciam que as lutas sociais ocorriam até para garantir o direito de terem uma morte decente.

Foi dessa maneira que as Irmandades de Pretos tiveram uma função social importante para os negros, pois “propiciaram aos africanos escravos um mínimo possível de proteção social” (BRANDÃO, 2004, p. 332), ao passo que eles recebiam um pouco de ajuda para, por exemplo, o enterro de seus mortos, além de apoio para as cerimônias dos reis de congo etc.

Essas Irmandades foram criadas, conforme ressalta o Brandão (2004, p. 332), “pelos agentes eclesiásticos da Igreja colonial e eram praticamente a única alternativa não clandestina da associação dos escravos”.

Assim é que poderemos notar que essa associação foi criada para sanar, mesmo que minimamente, as necessidades dos negros escravos e libertos, que sofriam pelas condições sociais precárias e por não ter a liberdade de manter as celebrações de suas crenças e manifestações religiosas, oriundas de sua cultura africana.

Dessa forma, mesmo que os partícipes devessem contribuir com uma determinada quantidade de dinheiro para receber algum benefício ou ajuda, esse já foi o primeiro passo na luta pela sobrevivência, que levou à abolição da escravatura em 13 de maio de 1888.

Em “Arraÿal do Bomfim de Goÿaz” e “São Joaquim do Cocal”, as Irmandades de Pretos também cumpriram papel crucial aos negros escravos, uma vez que davam garantias de melhores condições sociais a eles, como as celebrações de morte, com a realização dos rituais de enterro.

O livro de Compromisso de “Arraÿal do Bomfim de Goÿaz” se intitula “COMPROMISO | DA IRMANDADE DENO | SSA *SENHORA* DOROSARIO | DOS HOMENS PRETOS | DOARRAÿAL DE | BOMFIM COMARCA DE | GOÿAZ FEITO NO | ANNO | DE 1751” (recto 1, do livro de Arraÿal do Bomfim de Goÿaz), e compreende cláusulas que estipulam os direitos e deveres dos associados e da Igreja.

Já o livro de “São Joaquim do Cocal” se intitula “Compromisso (regulamento) da | Irmandade de São Joaquim de Cocal | Vila Boa de Goiás | Data: 6 de Junho de

1767” (recto 1, do livro de “São Joaquim de Cocal”), e tem a mesma estrutura do livro anterior.

O registro dos estatutos se consagrou como uma garantia de cumprimento de todos os deveres e obrigações dos associados e da Igreja, o que levou os negros a se sentirem “seguros” para poderem se associar a Irmandade e, posteriormente, a cobrar por seus direitos.

Desse modo, entendemos que o movimento de se organizar e lutar por ideais comuns, quais sejam, melhores condições sociais e praticar seus rituais sociais, religiosos e culturais sob a roupagem do catolicismo, foi fundamental para manter as bases de suas crenças africanas, que podem ser vistas em muitas manifestações culturais e religiosas hodierno, como as Congadas, as folias de Reis etc.

Alguns signos ideológicos das irmandades de pretos de “Arraial do Bomfim de Goãaz” e “São Joaquim do Cocal”

A partir da breve compreensão de signos ideológicos e Irmandades de Pretos, cumpre agora identificar alguns signos ideológicos das associações de “Arraial do Bomfim de Goãaz” e “São Joaquim do Cocal”. Vale dizer que os signos que apresentamos são os mesmos para as duas comunidades e são bem recorrentes nos estatutos, constituindo o vocabulário dessas comunidades.

Essa análise paralela permite observarmos as semelhanças das Irmandades de Pretos de Goiás do século XVIII, no intento de demonstrar a relevância do contexto de criação desses registros manuscritos para a compreensão dos signos ideológicos.

E para nos embasar em nossa análise iremos nos pautar em dois dicionários da época, quais sejam: Bluteau (1728) e Moraes Silva (1789), até mesmo para demonstrar e fundamentar os contextos históricos e sociais.

Um dos signos muito recorrente nos estatutos é “sufrágio”, que corresponde aos benefícios recebidos pelos associados, que fazem parte dos direitos garantidos pelos estatutos das Irmandades de Pretos. Como se pode observar no Livro de “Arraial do Bomfim de Goãaz”, capítulo terceiro³:

³ Todas as citações da edição corresponderão à edição semidiplomática justalinear, de acordo com as normas para edição presentes em Megale e Toledo Neto (2005).

E por quanto Ao tempo *que* principiamos es=
ta Nossa Irmandade não havia Livros Onde deviaõ aSinarsse os Ir
maõs que entrarem Nem *para* receytas e dispezas queremos que
daqui emdiante haja Livros *para* huã Outra Couza *para* Nelles
SeaSentar Os Irmaõs *para* poderem Lograr dos Sufragios Como
Irmaõs daIrmandade daVirgem Santissima *Senhora* Nossa
do Rozario (recto 4, do livro de “Arraial do Bomfim de Gõaz”).

Observa-se que os sufrágios, para os associados, se caracterizavam como benefícios que deveriam ser garantidos pela Irmandade, através do estatuto, por isso a importância de fazer um estatuto da Irmandade e ter livros que registrem quais os irmãos que devem ser beneficiados pelos sufrágios, mesmo depois de sua morte. Como se pode observar no capítulo quarto desse mesmo livro:

Darã Cada Irmaõ de Sua entrada huã Oyta
Va deOuro epagarã de Anual Meya Oytava Excetuando os*que*
jã tiverem Servido de Reỹ Rainha Iuis Ou Iuizas Ou deOu
tra qual quer O Cupassaõ etodos par teciparaõ dos Sufrágios
que SeCustumaõ Fazer pellos Irmaos Vivos edefuntos (recto 4, do livro de
“Arraial do Bomfim de Gõaz”).

Este direito também é garantido pelo estatuto da Irmandade de Preto de “São Joaquim do Cocal”:

Alêm dos Sobreditos cargos
sepoderãõ elleger os mais, *que* neccessarios
forem, sendo em primeiro lugar o de Protectos, *que* se espera ser Sua
Magestade fidelíssima; e *quando* o dito Senhor não seja assim *servido*, Será
Sempre Pessoa de alta qualidade |excepto Ecclesiastico| *para* com os Seu
Patrocínio
favorecer aesta Irmandade nas Suas adversidades; o *qual* gosará Sempre
detodo obem da-
Irmandade, eSufragios, como Irmaõ (recto do fôlio 7, livro de São Joaquim
de Cocal).

Dessa forma, o signo ideológico “sufrágio” corresponde aos benefícios que os negros escravos tinham como direitos de receber, a partir do momento que se associa na Irmandade. Nota-se, a relevância de se conhecer o contexto histórico e social pelo qual passavam os irmãos. Isso porque as Irmandades foram criadas como estratégia de sobrevivência dos escravos, que sofriam com as condições precárias de vida. Tão logo,

os “sufrágios” correspondiam muito mais do que simples benefícios, eram uma garantia de melhores condições de vida mesmo frente à situação social em que se encontravam.

Bluteau (1728) registra esse verbete, apresentando esse mesmo sentido, mas não como uma lexia simples e sim composta, pois sua recorrência é de “Sufrágio Eclesiástico”, que compreende “qualquer obra boa, para ajudar espiritualmente a alma do próximo, v.g. Jejuns, orações, esmolos, Missas, aplicadas para alcançar ao proximo augmentos de graça, vitoria de tentações” (1728, p. 777).

Outro signo ideológico recorrente que encontramos nesses documentos manuscritos é “Mesa”, que adquire uma expansão de sentido, na medida em que não se trata do objeto mesa, mas “o lugar, onde se assentão os mordomos de qualquer irmandade. Tambem os mesmos irmãos, que actualmente servem, se chamão Mesa” (BLUTEAU, 1728, p. 447).

Vale dizer que tratamos aqui de extensão de sentido, ao passo que as reuniões das Irmandades aconteciam, frequentemente, em volta de uma mesa, talvez seja por isso que esse signo tenha sido dado para o lugar onde aconteciam as reuniões e eleições das associações de Irmandades, ou mesmo o nome dado ao corpo da Irmandade, ou seja, aos membros que atuavam diretamente para garantir a ordem da associação e que os direitos e deveres fossem cumpridos, como os Procuradores, Juizes, Reis, Mordomos, entre outros, como se pode observar no capítulo 7 do livro de “Arraial do Bomfim de Goḃaz”:

Para obom regimen, eadministração não Sõ
pello que respeita ao Espiritual Mas tambem ao temporal desta
Irmandade SeComporã a Meza della de dous Iuizes hum procu
rador homens pretos, hũ Escrivaõ, ehũ Thezoureiro brancos, edoze=
Mordomos, OuIrmãos de Meza tambem pretos, etodos juntos repre
zentaõ o Corpo detoda a Irmandade ComSequentemente tem e rezide
Nelles todo Opoder para dispor O governo della Semque Nenhum Irmaõ
Opossa empedir, Ou intrometersse Nas Suas dispoziçoins durante
O anno e tempo do Seu governo; mas Antes todos os Irmaõs os devem
respeitar e dar adivida Obidiencia (recto 5 do livro de “Arraial do Bomfim
de Goḃaz”).

Como fica evidente, o signo ideológico “Mesa” se caracteriza, com mais recorrência nos documentos manuscritos, pelos membros da Irmandade, que tem função muito relevante para os irmãos, já que são responsáveis pelo bom andamento da associação.

Tão logo, fica claro que, mais uma vez, o signo reflete e refrata a realidade, pois, neste caso de “mesa”, conhecemos a realidade dos associados dessa Irmandade do século XVIII, a partir da interpretação feita pelos indivíduos que vivenciavam esse período escravocrata e que lutavam por melhores condições de vida.

Esse mesmo sentido é observado no estatuto de “São Joaquim de Cocal”:

No dia 15 de Agosto Se fará
Mesa, àque será presente toda a Irmandade chamada por repique de Sino;
e 8 dias antes aviSará a MeSa por carta Levada por hũ Procurador, ou outro
Official da MeSa, ao Doutor Corregedor da Comarca, e na falta deste a oIuiz
deFóra, ou Ordinario, em que se lhedê parte fazer-Se aalleyçaõ no dito dia
(recto do fólio 8, do livro de “São Joaquim de Cocal”).

Neste trecho de “São Joaquim de Cocal”, também fica evidente que o signo “Mesa” corresponde ao corpo de membros da Irmandade, especialmente nos versos “e 8 dias antes aviSará a MeSa por carta Levada por hũ Procurador, ou outro | Official da MeSa, ao Doutor Corregedor da Comarca, e na falta deste a oIuiz”.

O signo ideológico “preto” também é muito recorrente nesses estatutos, principalmente por se tratar de documentos que dizem de escravos, já que “preto” para Moraes Silva (1789, p. 500) é justamente “um preto, subst. um homem preto, forro, ou cativo”, ou seja, o escravo, seja ele livre ou escravo.

Nas Irmandades de Pretos é essencial que na mesa se tenha homens pretos, até mesmo para ter uma garantia que seus direitos e deveres vão ser atendidos, como se vê neste trecho de “Arraçal do Bomfim de Goýaz”:

Para obom regimen, eadministração naõ Sõ
pello que respeita ao Espiritual Mas tambem ao temporal desta
Irmandade SeComporã a Meza della de dous Iuizes hum procu
rador homens pretos, hũ Escrivaõ, ehũ Thezoureiro brancos, edoze=
Mordomos, OuIrmaõs de Meza tambem pretos, etodos juntos repre
zentaõ o Corpo detoda a Irmandade ComSequentemente tem e reside
Nelles todo O poder para dispor O governo della Semque Nenhum Irmaõ
O possa impedir, Ou intrometersse Nas Suas dispoziõins durante
O anno e tempo do Seu governo; mas Antes todos os Irmaõs os devem
respeitar e dar adivida Obidiencia (recto 5, do livro de “Arraçal do Bomfim
de Goýaz”).

Logo, é claro a importância do “preto” na composição do Corpo responsável por garantir o bom andamento e a boa administração da Irmandade, como se sua presença

fosse um fator de pressão para que a Coroa e a Igreja respeitassem o que foi aprovado nos estatutos.

Assim é com o estatuto de “São Joaquim do Cocal”:

Aos Procuradores dos Pardos,
e Pretos, se fará termo no seu respectivo Livro no fim do vltimo termo de *Irmao*, etaõbem receberãõ juramento de cumprirem em tudo oque estiver
à seus cargos, e lhes for mandado.

Desse modo, fica ainda mais claro como os signos ideológicos expressam as relações sociais e as ideologias de seus enunciadores, ao passo que comportam todo o contexto histórico e social desses indivíduos. Portanto, os signos “sufrágio”, “mesa” e “preto”, elencados nesse artigo, carregam sim ideologias, e expressam um momento histórico pelo qual passaram os negros escravos do século XVIII, dessas comunidades de fala.

Considerações finais

As Irmandades de pretos das comunidades de “Arraial do Bomfim de Gõaz” e “São Joaquim do Cocal” foram uma das diversas formas de luta contra um sistema escravocrata, que perdurou por séculos, levando sofrimento à muitas pessoas de diversas origens, especialmente, aos africanos que vieram para o Brasil para sofrer com a impossibilidade de ir e vir, bem como com a impossibilidade de manifestar suas crenças.

As associações das Irmandades de Pretos se caracterizam como

brechas, fendas, usadas como tais para alargar um espaço de auto-determinação; mas este uso, se por um lado constitui uma estratégia de “resistência”, por outro não escapa de certa ambiguidade, pois o que aumenta a autonomia reforça o caráter de dependência, num campo (o religioso) em que “valores”, realmente empenhativos, significam, também e ao mesmo tempo, “ideologia” e instrumento de dominação (Borges, p. 19).

Dessa forma, os signos ideológicos tão bem expressam todo esse contexto histórico e social que os negros escravos passaram em pleno século XVIII, assim como

SILVA, Luana Duarte. Alguns signos ideológicos das irmandades de pretos do “Arraial do Bomfim de Goýaz” e “São Joaquim do Cocal”. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 00 - 00, 2014. (ISSN 2317-1006 - online).

nos permitem compreender que os signos ideológicos evidenciam as relações sociais, as ideologias e todo esse contexto de enunciação.

Essa discussão apresentada neste artigo foi realizada brevemente, até mesmo porque não caberia aqui elucidar todo o vocabulário das irmandades, mas teve a intenção de demonstrar a perspectiva do Círculo de Bakhtin, acerca dos signos ideológicos, nos livros manuscritos das irmandades de pretos tratadas no texto.

É desta feita que gostaríamos de finalizar com um trecho de Salles (2007), que elucida a importância social para os negros escravos da época: “Já se vê que as irmandades religiosas do século XVIII não resumiam suas atividades à ação apostolar e espiritual proclamada por seus compromissos. Eram organizações que funcionavam no plano social [...]” (SALLES, 2007, p. 97).

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHÍNOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem*. 7 ed. São Paulo: Ed. Hucitec, 1995. p. 31-38.

BORGES, Célia Maia. *Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário: devoção e solidariedade em Minas Gerais – Século XVIII e XIX*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1728. Disponível em <http://www.brasiliana.usp.br>.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Congos, Congadas e reinado: rituais de negros católicos. In: _____ *De tão longe eu venho vindo: símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás*. Goiânia: Ed. UFG, 2004. p. 323-342.

CASTRO, Gilberto de. O Marxismo e a ideologia em Bakhtin. In: STAFUZZA, Grenissa; PAULA, Luciane de (orgs.). *Circulo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 175-202.

FARACO, Carlos Alberto. Criação ideológica e dialogismo. In: _____ *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba-PR: Criar Edições, 2003. p. 45-85.

Livro de Compromisso “*COMPROMISO / DA IRMANDADE DENO / SSA SENHORA DOROSARIO / DOS HOMENS PRETOS / DOARRAIAL DE / BOMFIM COMARCA DE / GOYAZ FEITO NO / ANNO / DE 1751*”. Disponível na Paróquia de Nossa Senhora do Rosário, Silvânia-GO.

SILVA, Luana Duarte. Alguns signos ideológicos das irmandades de pretos do “Arraial do Bomfim de Goḃaz” e “São Joaquim do Cocal”. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 00 - 00, 2014. (ISSN 2317-1006 - online).

Livro de Compromisso: “*Compromisso (regulamento) da / Irmandade de São Joaquim de Cocal / Vila Boa de Goiás / Data: 6 de Junho de 1767*”. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *Acervo Documental*. Belo Horizonte/MG: Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais: 2008. v. 1.

LOIOLA, Maria Lemke. *Trajetórias Atlânticas, Percursos para a liberdade: africanos e descendentes na Capitania dos Guayases*. 2008. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia: Goiânia, 2008.

_____. *Trajetórias para a liberdade: escravos e libertos na capitania de Goiás*. Goiânia-GO: Cegraf UFG, 2009.

MATTOS, Regiane Augusto de. *História e cultura afro-brasileira*. São Paulo: Contexto, 2008.

MEGALE, H.; TOLEDO NETO, S. A. (Orgs.). *Por minha letra e sinal: documentos do ouro do século XVII*. Cotia, SP: Ateliê Editorial. Fapesp, 2005.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. In: BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 167 – 176.

MORAES SILVA, A. *Diccionario da lingua portugueza*. 2. ed. v.1. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1789. Disponível em www.brasiliana.usp.br.

SALLES, Fritz Teixeira de. *Associações religiosas no ciclo do ouro*. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

Recebido em março de 2014.

Aceito em abril de 2014.